

Lima Barreto e o futebol:

as críticas de um literato ao
jogo do bolapé

Lima Barreto and football:
the criticism of a literary
to the game of bolapé

CARLUS AUGUSTUS JOURAND CORREIA

Professor da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutor e Mestre em Educação pelo PPGE/UFRJ e pesquisador do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC-UFRJ).
carlus.jourand@gmail.com

ANTONIO JORGE GONÇALVES SOARES

Professor Titular e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Mestre em Educação Física (UGF) e pesquisador do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC-UFRJ). Pesquisador PQ-CNPq e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ.
ajgsoares@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar sob quais eixos se desenvolve a crítica de Lima Barreto ao futebol e como elas representavam uma crítica a toda uma estrutura social seu tempo. Para isso, realizou-se uma contextualização entre suas críticas ao futebol e as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passava o Brasil, e mais especificamente o Rio de Janeiro, no período em que Lima Barreto produzia seus escritos. Para essa análise foram utilizadas principalmente crônicas, romances e correspondências de Lima Barreto e outros literatos da época entre 1902 e 1920. A partir das fontes podemos concluir que Lima Barreto não tinha o futebol apenas como alvo de sua crítica, o futebol era uma das chaves, entre outras, para pensar para os dilemas, as hierarquias e os racismos produzidos naquele espaço de lazer e na sociedade de seu tempo. A desigualdade social, o racismo, a modernização excludente como projeto de nação, o clientelismo e a formação de uma identidade nacional baseada na eugenia eram os alvos que pretendia denunciar com sua literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Futebol. Identidade Nacional.

ABSTRACT: The article aims to analyse under which axes develops Lima Barreto's criticism of football and how they represented a critique of a whole social structure in which He inserted himself. For this, a contextualization between his criticism of football and the political, economic and social transformations that Brazil was undergoing, and more specifically Rio de Janeiro, in the period when Lima Barreto produced his writings. For this analysis were used mainly chronicles, novels and correspondence of Lima Barreto and other literati of the time between 1902 and 1920. From the sources we can conclude that the criticism of Lima Barreto did not have football as an end in itself, but rather the goal of by this point and attack the main problems that he saw in the country. Among them, social inequality, racism, exclusionary modernization, clientelism and the formation of a national identity based on eugenics.

KEYWORDS: Lima Barreto. Football. National Identity.

Introdução

José Lins do Rego afirmava que o conhecimento do Brasil passava pelo futebol. O escritor da década de 1940 percebia a força que esse esporte possuía para construção de sentimentos de pertencimentos e paixões. Passados 80 anos, sua chave de leitura da sociedade se mantém atual, dada consolidação da importância que o futebol assumiu como elemento articulador da cultural nacional e como mimetizador dos dilemas e conflitos políticos, econômicos e sociais que enfrentamos (MELO, 2006).

Nos últimos 30 anos, as áreas das ciências humanas tomaram o futebol, outros esportes e o campo esportivo mais amplo como objeto de investigação das diferentes disciplinas. O esporte como objeto de estudo para compreensão das sociedades ganhou corpo com o advento da nova história cultural (BURKE, 1996). Com uma proposta de incorporar a vida cotidiana, a cultura popular, as mentalidades, as classes sociais e, principalmente, abandonar a desconfiança nos modelos interpretativos estruturalistas e o marxismo funcionalista, a nova história cultural permitiu o aparecimento de novos métodos e a legitimação de novos objetos de estudos.

Na esteira desse processo, muitos autores tomaram o esporte como elemento basilar para compreensão do processo civilizatório das culturas modernas (ELIAS; DUNNING, 1992), enquanto outros procuraram evidenciar o surgimento e autonomização de um campo esportivo que dialogava com outros campos sociais (BOURDIEU, 1983; 1990; 2007; 2011)¹.

No Brasil, Da Matta (1982) tratou o futebol para além do seu caráter funcionalista que imperava numa espécie de marxismo vulgar ou mecanicista. Superando essa visão, ele explicitou que o futebol deveria ser entendido como drama e como ritualização, pois, “sem drama não há rito e que o traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores e ideologias (DAMATTA, 1982, p. 21). O futebol no Brasil — assim como o carnaval — seria chave de leitura para pensar os processos de hierarquização de nossa sociedade e de nosso sistema social, pois, esse fenômeno no Brasil seria um modo privilegiado para perceber o que está em jogo em nossas relações sociais. A perspectiva de tratar o futebol a partir da questão da função e utilidade saem da agenda de pesquisa quando esse fenômeno passa ser problematizado na sua implicação e consequência social. Enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria sociedade.

A mudança na perspectiva dos estudos sobre o esporte/futebol permitiu o crescimento de muitas pesquisas, principalmente de cunho histórico

e sociológico. O recorte histórico abordado aqui é a transição do século XIX para o século XX no Brasil. Diversos estudos permitiram identificar e analisar a chegada de novas práticas esportivas no país como parte do fenômeno da modernidade (MELLO, 2009a; 2009b; PEREIRA, 2000; FRANZINI, 2009). Não se pode entender a difusão do futebol e de outros esportes no Brasil sem pensarmos no fundamental papel dos meios de comunicação na época, (TOLEDO, 2012; MELO, 2012), assim como futebol serviu de gramática na construção da identidade nacional (FILHO, 1947; SOARES, 1998; AGOSTINO, 2002; PEREIRA, 2014; GUEDES, 1977).

Nesse contexto, estudos trataram da relação entre os esportes e a literatura na virada do século XIX para o século XX como forma de compreender as questões sociais latentes naquele momento (SEVCENKO, 1992; 2003; FREITAS, 2005). Alguns desses autores procuraram nas manifestações públicas de intelectuais específicos, entre eles Lima Barreto, o entendimento das questões sociais da nascente República.

Outros estudos (FREITAS, 2005; CAPRARO, 2010; SANTOS JUNIOR, 2012, FERNANDEZ, 2016) abordaram de maneira tangencial a forma ostensiva na qual Lima Barreto atacava a prática do futebol, apontando alguns possíveis indícios para suas críticas. A partir desses trabalhos, o artigo em tela pretende aprofundar o debate sobre as razões para as críticas de Lima Barreto ao que ele intitulava jogo do bolapé.

A partir do uso da micro-história², o objetivo do artigo é analisar sob quais eixos se desenvolvem as críticas de Lima Barreto ao futebol e como tais críticas eram extensivas a toda a estrutura social da época. Para essa análise foram utilizadas principalmente crônicas e romances publicados por Lima Barreto e outros literatos da época entre 1902 e 1920. Além disso, foram selecionadas correspondências trocadas por ele e outros indivíduos (intelectuais e editores de jornais) no qual o futebol e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro se impusessem como temas centrais.

O argumento desenvolvido parte da compreensão do contexto político econômico e social enfrentado pelo Brasil e, mais especificamente, pelo Rio de Janeiro no início do século XX. Em seguida, detalharemos a trajetória de Lima Barreto para compreender como sua experiência no contexto social viria a tomar o futebol como um dos lugares para criticar a estrutura daquela sociedade.

1. “Nova cidade” e novas práticas num Brasil ambíguo.

O Brasil e o Rio de Janeiro de Lima Barreto caracterizavam-se eminentemente pela mudança e transformações rápidas na arquitetura e nos costumes. Na política, a queda do império e ascensão da República transformou a relação do indivíduo com o Estado e fez com que uma série de privilégios legais ruísse. No aspecto econômico-social a abolição da escravidão em 1888 veio acompanhada de um crescente fluxo de capital provenientes da expansão do capitalismo industrial e financeiro na Europa e nos Estados Unidos, impulsionando o setor secundário e de serviços nas principais cidades do país (LOBO, 1978).

Diante da nova realidade posta, os governos promoveram transformações estruturais nas cidades e os intelectuais do país procuravam refundar a história nacional e criar uma identidade nacional moldada pela modernidade europeia. Nesse contexto, o Rio de Janeiro até então capital federal, passa por profundas alterações urbanísticas com a abertura de avenidas, derrubada de morros, aterramento do litoral, expansão do porto e destruição de cortiços (BENCHIMOL, 1990). Além disso, novos hábitos e costumes são incentivados pelas autoridades, impondo a cidade contornos do chamado “mundo civilizado” da época.

Segundo Sevckenko (2003), a adaptação do sistema republicano ao capitalismo ocorreu de maneira autoritária e violenta, estigmatizando o velho e condenando os hábitos e costumes relacionados a memória da sociedade tradicional e, principalmente, as práticas oriundas das camadas populares tais como a capoeira e o samba. Negando todo e qualquer elemento de cultura popular que maculasse a imagem branca e civilizatória dominante, praticava-se uma política de expulsão dos grupos populares da área central da cidade. Juntamente a isso, imprime-se uma perseguição a grupos sociais considerados perigosos como era o caso dos capoeiristas e aqueles que faziam o serviço subalterno, em geral os negros. Lima Barreto, com sua peculiar ironia, dizia que os negros estavam relegados a “política da transparência”, denunciando assim a sociedade que tornava os negros e negras invisíveis socialmente (SCHWARCZ, 2017). Havia, portanto, um engajamento das autoridades e de parte da população para impor à sociedade brasileira um conjunto de valores que consagravam a partir da industrialização um ideal de modernidade europeia. Essa ideologia se fez materializar nas reformas urbanísticas e nas novas práticas sanitárias e pedagógicas impostas na cidade do Rio de Janeiro, capital e modelo exportador de cultura e valores para todo o país (CHALHOUB, 1996).

Nas relações sociais, como mostra Fausto (1983) a modernização passava pela construção de uma nova ética do trabalho. Após a abolição era preciso reverter a associação entre trabalho e escravidão. Para isso, tornava-se necessária uma vigilância à chamada “vadiagem”, repressão as greves e as manifestações de trabalhadores, além da tentativa de criar mecanismos que valorizassem a ideologia do trabalho.

As mudanças promovidas foram influenciadas por uma nova mentalidade modernizadora, mas excludente, que possuíam como estratégia a regeneração do homem brasileiro por meio da eugenia racial e da padronização dos costumes. Desse modo, a “velha cidade, suja, doente e promíscua”, ainda ligada ainda ao passado colonial e escravocrata, deveria dar lugar a cidade “civilizada e europeia” vista pelo prisma da limpeza, beleza, saúde e vida. Tal noção de civilidade estava diretamente associada a noção de branquitude.

As práticas esportivas, assim como os diversos modismos, foram elementos da construção dessas “novas cidades” e impulsionaram novas redes de relações sociais em um espaço que passava a ser o centro das manifestações político-culturais. O esporte enquadrava-se nesse cenário, sendo um dos elementos de civilidade que favorecia a aproximação da sociedade local com os elementos culturais europeus na intenção de reafirmar um ideal republicano e de construção de uma identidade nacional na virada do século XIX para o século XX.

Diversos esportes como o futebol, o remo, a natação, a esgrima, o atletismo, o críquete, a ginástica, a corrida de automóveis, entre outros, se desenvolveram e ganharam representatividade nessa “nova cidade” através da apropriação das elites por novos espaços urbanos tais como rios, lagos, praias, velódromos, campos de futebol e críquete, ringues e quadras dentro dos clubes, locais fechados e reservados para um grupo distinto (MELLO, 2009b).

De todos esses esportes praticados no Brasil no início da república, o futebol foi um dos que alcançou mais rapidamente o gosto das elites e dos populares (PEREIRA, 2000). Sua origem no país remete aos jovens filhos de famílias aristocráticas que, voltando dos estudos na Europa no final do século XIX, trouxeram consigo essa prática esportiva. Cabe ressaltar que, apesar dessa ser a versão historiográfica mais consolidada, outras hipóteses dão conta de que o *football* teria chegado ao Brasil sem obedecer a nenhum grupo específico. Ele teria chegado por meio de vários atores sociais e se difundido em diferentes pontos do território (JESUS, 1998).

O futebol foi um desses elementos da modernidade, pois se encaixava entre os chamados novos esportes cujas origens remontam ao período posterior à Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX. Ele consistia em uma atividade recreativa de novos grupos ascendentes (burgueses e operários) em contraste com os rituais ligados a uma aristocracia decadente (ELIAS; DUNNING, 1991, pp. 68-69).

Dentro dessa tentativa de construir uma nova nação, estava o objetivo de criar um novo padrão de lazer e recreação que excluíssem hábitos tradicionais e agrários (por exemplo, capoeira e o entrudo), oriundos do passado escravocrata. As novas práticas sociais no processo de urbanização, entre elas o futebol, buscavam padrões civilizatórios de reconhecimento.

A função principal da prática de esportes e conseqüentemente do futebol seria, como propagavam Coelho Neto e Afrânio Peixoto, o desenvolvimento do corpo e da mente das pessoas. Influenciados pelas ideias higienistas da época, acreditavam na prática esportiva como forma de revigorar o corpo humano de seu depauperamento causado por séculos de inércia e preguiça. Com isso, o preceito de desenvolvimento corporal, defendido pelos higienistas sob a bandeira de *“mens sana in corpore sano”* serviu a diversos propósitos.

O paulatino movimento de europeização da sociedade da *Bellé Èpoque* carioca, alçou a educação física, juntamente com os esportes como sendo um fator de desenvolvimento da raça, assim como já eram vistas na Europa desde os fins do século XIX (PEREIRA, 2000). O incentivo a prática do esporte, especialmente do futebol a uma elite foi incentivada sob o argumento que esse esporte seria um instrumento para refrear paixões, domar a força, ensinar disciplina e reforçar laços de cavalheirismo entre outros fatores. O futebol foi visto em seus primórdios no Brasil pelos seus divulgadores e entusiastas como uma escola de caráter que formaria as funduras gerações de nossas elites. Nas páginas dos periódicos, procurava-se mostrar o novo Rio de Janeiro higienizado em consequência das reformas urbanas. Na ótica esportiva, o engajamento físico pelo futebol foi uma resposta a toda essa ebulição (SEVCENKO, 1992, p. 32).

Independente dos debates sobre a difusão do futebol destaca-se que nas primeiras duas décadas do século XX esse esporte se desenvolveu principalmente em espaços privados de clubes para atender a uma elite política e econômica brasileira. Os clubes esportivos, no qual o futebol se inseria, se constituíam como estratégias da elite da época para estabelecer locais exclusivos de lazer para contatos e alianças, com o objetivo de defender seus inte-

resses e reforçar valores em comum que reforçavam as suas posições sociais. Os clubes fechados eram talvez um dos poucos espaços onde as famílias mais abastadas podiam estar sem a presença dos trabalhadores e do povo em geral (FERNANDEZ, 2016, sendo espaços que se existissem negros, esse seriam serviços e, portanto, invisíveis).

Em uma nova sociedade pós-abolição e agora republicana, a emergência de libertos e imigrados bem como a derrubada legal de privilégios, tornava necessária a criação de outras barreiras físicas e simbólicas para essas distinções sociais (NEEDELL, 1993). Nesse aspecto a difusão dos clubes com a imposição de barreiras para admissão dos sócios transformou-se numa estratégia para segregar aqueles que, pelo menos aos olhos da constituição, já não eram mais tão diferentes. O racismo sempre impõem um tipo de resposta às demandas por igualdade reivindicadas pela sociedade civil, diante dos constrangimentos que essa noção causa nas sociedades desiguais. A narrativa da hierarquia das raças e dos povos foi, sob aval da ciência da época, uma forma de justificar as desigualdades através da categorização racial da humanidade e das nações (MALIK, 1996).

2. Lima Barreto e os usos da literatura

As transformações pelas quais passava o Brasil e o Rio de Janeiro estiveram intimamente impressas na vida de Lima Barreto e na influencia sobre suas ideias e produção literária. Compreender as críticas feitas pelo autor ao futebol e as estruturas da sociedade da *Belle Èpoque* passam necessariamente por conhecer ainda que de relance a biografia de Afonso Henriques de Lima Barreto. Segundo Machado (2002), a origem social de qualquer intelectual é extremamente relevante para sua compreensão, pois nos permite obter informações de sua visão de mundo que se fazem transparecer em sua produção intelectual.

Nascido em treze de maio de 1881, filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta, Lima Barreto sofreu durante a infância com os estigmas presentes na sociedade. De origem humilde, filho de mestiços pobres e sendo mulato, Lima Barreto esteve sempre no limiar entre o lugar social popular do qual veio e o espaço social das elites no qual alimentou aspirações de ingressar (BARBOSA, 2002). Cresceu no seio de uma família com baixo status social. João Henriques, seu pai, era negro, e com surtos de loucura, dona Amália, sua mãe também era descendente de negros escravos,

contudo, tinha formação básica, chegando a trabalhar como professora para ajudar no sustento da casa, inclusive, Lima Barreto aprendeu as primeiras letras com ela.

Ao longo da sua trajetória, percebeu na própria pele o preconceito de classe e de cor naquela sociedade, já pós-escravocrata, ao realizar seus estudos no Liceu Niteroiense e posteriormente na Escola Politécnica, locais típicos da burguesia. Lima Barreto como estudante negro e pobre, não escapava de sua descendência humilde e sua residência nos subúrbios da cidade. Permaneceu na Politécnica entre 1897 e 1903, quando desistiu de tornar-se doutor, depois de seguidas reprovações em disciplinas do curso. A trajetória de Lima Barreto demonstrou que, pelo caminho da educação formal, a porta para o “título” e o reconhecimento estava fechada ao grupo social a qual pertencia. Assim, a saída pela via da produção escrita, como “literato”, era a opção possível para ascensão social (KOTHE, 2004).

A interação com as elites realizada em sua mocidade e a percepção dos mecanismos de ascensão social fez de Lima Barreto um ferrenho crítico desse estrato da sociedade. Essa experiência aliada a morte de sua mãe e a loucura de seu pai, desempenharam papel preponderante para a formação de seu caráter e sua produção literária.

Sua trajetória literária se desenvolveu principalmente na área do jornalismo quando começou a colaborar nos jornais acadêmicos em 1902 e, posteriormente, em 1905 passou a trabalhar como jornalista profissional no Correio da Manhã. Nesse campo ganhou considerável expressão ao publicar em diversos jornais de circulação na época. Lima Barreto dedicou quase toda a sua vida ao jornalismo escrevendo crônicas e artigos nos jornais da época, no entanto, é relevante suas publicações de obras em formato de folhetins entre elas, *Clara dos Anjos* (BARBOSA, 2002).

Ao longo de toda sua trajetória intelectual Lima Barreto se colocou como um mordaz crítico da cultura burguesa, do racismo e das desigualdades sociais. Produzindo uma literatura socialmente engajada, o autor de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* mergulhou profundamente na realidade do país com o fim de conhecer as causas profundas dos males brasileiros. Assumidamente suburbano (morava na região de Todos os Santos), suas crônicas sempre demonstraram a difícil condição social do negro e do pobre. Para Rezende (1993), Lima Barreto fez da prática literária tribuna para campanhas que revelam sua indignação social e política, na intenção de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia.

Segundo Ferreira, (2007) Lima Barreto mostrava que a literatura do seu tempo era eminentemente burguesa e a serviço das classes mais favorecidas, no sentido de legitimar e cristalizar costumes e estilos de vida desta elite. Utilizando uma linguagem pomposa, não compreensível pela maioria dos leitores, a literatura nacional provocava um distanciamento entre as pessoas letradas e os produtores do conhecimento. Procurando romper esse *status quo*, Lima Barreto sempre foi considerado pela maioria dos seus pares como um estranho, devido a uma linguagem simples, a que muitos chamavam de “desleixada”.

Destaque-se que o escritor Coelho Neto seria um personagem que Lima Barreto desenvolveria sua máxima antipatia, tanto pela literatura quanto pelos ideais eugenistas que defendia (SCHWARCZ, 2017). Lima Barreto era frequentador dos círculos intelectuais de outsiders que frequentavam as confeitarias da rua do Ouvidor, enquanto Coelho Neto era habitué da livraria Garnier, onde reunia-se a elite literária e política da sociedade carioca.

No entanto, essa era sua marca que aproximava a linguagem literária à do cotidiano, uma atitude não convencional para os projetos de construção literária numa época na qual os escritores, salvos alguns, não se preocupavam em questionar a realidade social. Toda a obra de Lima Barreto está arraigada à questão da crítica social, da denúncia do racismo, da discriminação contra raças e classes sociais, graças a sua personalidade, sua formação, sua condição social de mulato discriminado pelas elites. Isso refletiu no tipo de literatura que ele produziu, sempre voltando suas atenções para as instituições e práticas sociais que enxergava como sendo produtoras e reprodutoras desses problemas. No bojo dessas práticas, destaca-se o futebol ou, como ele mesmo chamava, o jogo do bolapé.

3. O futebol como pretexto, o Brasil como discussão

Inegavelmente Lima Barreto foi um fervoroso crítico do futebol. Ao longo da sua trajetória intelectual foram muitas as crônicas, contos e folhetins nos quais esse esporte apareceu sendo retratado de forma negativa e ridicularizado. Dizia, em tom de ironia, “a grandeza de um país não se mede pelo desenvolvimento das artes, da ciência e das letras. O padrão do seu progresso é o grosseiro *football*” (BARRETO, 1956, p. 272).

Como um observador atento da vida urbana, principalmente do Rio de Janeiro, rapidamente percebeu o engajamento no qual o futebol era prati-

cado nos seletos clubes da elite carioca, assim como identificava seu avanço para os subúrbios da cidade. Diante disso, o futebol passava a ter para ele uma importância singular, que o obrigaria, como “crítico de costumes”, a dedicar um tempo significativo ao novo fenômeno que o incomodava.

Diante disso, qual seria, então, o significado que o futebol possuía para que Lima Barreto o abominasse tanto a ponto de ajudar a fundar uma “liga contra o futebol”? Suas críticas constantes eram dirigidas a um contexto social mais amplo. Para ele, esse esporte contribuía na cristalização de várias estruturas viciadas da vida política e social com as quais não concordava, além de auxiliar na construção de novos significados excludentes na nascente república. Entre os eixos principais de crítica por trás do futebol podemos destacar: 1) A construção de uma identidade nacional eugenista e elitista; 2) Manutenção da segregação social e do racismo; 3) A adoção de uma modernidade excludente e fútil.

As críticas de Lima Barreto ao futebol tinham como alvo a febre que esse esporte causava na sociedade de sua época. Tal prática segundo ele era violenta e os *players* apresentavam comportamentos adversos a economia vital do organismo, lição, que segundo ele, havia aprendido com um médico conceituado (SCHWARCZ, 2017, p. 137). Lima Barreto abominava o cosmopolitismo adotado pela elite brasileira que chamava de “burguesia panurgiana”, pois, além de adotar qualquer estrangeirismo de forma acrítica, tudo que essa casta toca ou utilizava se banalizava (SEVCENKO, 2003). Sua implicância com o futebol decorria do fato de ver nessa expressão cultural mais uma manifestação das elites que utilizavam qualquer meio frívolo para criar cisões, divisões, hierarquias e invisibilidade dos pobres e negros naquela sociedade.

A rejeição a esse esporte também não pode ser vista como um simples meio para atacar outros intelectuais entusiastas do esporte e no qual Lima Barreto mantinha rixas públicas, como era o caso de Coelho Neto e Paulo Barreto, o João do Rio. Todavia, não se pode esquecer que o entusiasmo da elite com o futebol, segundo Lima Barreto, fazia parte de “uma pretensão absurda de classe e raça” que tentava se distinguir naquele cenário urbano (SCHWARCZ, p. 137). A trajetória de Lima Barreto indica que a literatura era encarada como uma missão, seus escritos partiam do pressuposto que não se poderia adotar subordinadamente valores e práticas estrangeiras, era missão nacional descobrir e desenvolver práticas culturais originais para poder trocar de forma igualitária e paritária influências e assimilações recíprocas com outras nações (SEVCENKO, 2003). Não era apenas uma questão de orgulho e dignidade nacional, era, sobretudo, uma questão de sobrevivência

no mercado das nações. Era a forma de pensar um “nacionalismo intelectual” que partilhava o ideal de uma solidariedade dos “homens na terra” num sentido universalista, não-violento e sem subordinações. Ele condenava veementemente o imperialismo europeu que tentava subordinar as nações periféricas.

Na sequência apresentaremos 3 eixos que embasavam sua crítica social, à saber a modernização excludente, a segregação social e o racismo, elementos integrantes da proposta de identidade nacional construída divulgada pelas elites políticas e intelectuais que representavam o *status quo*. Ele certamente lutava contra a própria invisibilidade e tornava visível a parte do Brasil que as elites queriam invisibilizar ou tornar “transparentes”, para usar uma noção cunhada por ele quando falava dos negros no espaço social.

3.1 A construção de uma identidade nacional eugenista e elitista

A passagem do Império para a República marca, ainda na história brasileira, uma tentativa de construção de uma identidade nacional que já havia sido iniciada pelo Estado durante o Segundo Reinado (FAUSTO, 2013). Com uma consciência de nação ainda em formação, nossos intelectuais se dedicam a construir um ideário da nação brasileira. A literatura da época e os intelectuais das letras vão se voltar para construir uma imagem do brasileiro e do Brasil segundo um modelo europeu ligado, segundo seus fenótipos e costumes, baseado na “ciência das raças”.

Tendo obtido sucesso na Europa do século XIX, as teorias eugenistas³ chegam ao Brasil no fim desse mesmo século, sendo recebidas com entusiasmo pelas elites políticas e intelectuais. “As teorias raciais chegam tardiamente ao Brasil, recebendo, no entanto, uma entusiasta acolhida, em especial nos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa, que na época se constituíam enquanto centros de congregação da reduzida elite pensante nacional.” (SCHWARCZ, 1993, p13).

A regeneração da raça, segundo as elites brasileiras, passaria pela adoção de novos hábitos entre eles o futebol. Em 1918, Afrânio Peixoto escrevia que esse esporte estaria refazendo o caráter brasileiro.

[...] Dos clubes mais opulentos das grandes cidades, aos mais modestos [...] esse jogo de *football*, esse desporto que dá saúde e força, ensinam a

disciplina e a ordem que fazem a cooperação e a solidariedade, me enternecem, porque são grandes escolas onde se está refazendo o caráter do Brasil (PEIXOTO, 1918).

A opinião de Peixoto sobre o futebol enquanto escola do caráter também era compartilhada por Coelho Neto. A popularização que atravessava o futebol e dos esportes era para muitos literatos uma condição essencial para a transformação do país e do seu povo, como mostra o hino do Fluminense Football Club escrito por Coelho Neto em 1908.

O Fluminense é um crisol, onde apuramos a energia. Ao pleno ar, ao claro sol, lutando em justas de alegria O nosso esforço se congrega, em torno do ideal viril. De avigorar nossa raça, do nosso Brasil[...] Ninguém no clube se pertence; a glória aqui não é pessoal. Quem vence em campo é o Fluminense, que é como pátria um ser ideal A gente moça, a nova raça, do nosso Brasil [...] (NETO, 1969)

O hino possibilita compreender a visão de Coelho Neto sobre os supostos benefícios do futebol e o seu papel na construção do ser brasileiro e da identidade nacional que demandava a afirmação de uma “nova raça”. O futebol assim assumia uma conotação cívica, moral e física. Freando paixões, ensinando disciplina, estimulando a virilidade e incentivando o cavalheirismo, o esporte seria o fim condutor da nova nação. Nesse momento a ideia de raça se tona metonímia da nação.

Os termos eugenia e regeneração da raça eram costumeiramente utilizados para defender a prática do futebol. Oscar Lopes em 1920 chegou a defendê-lo como “a ponta de lança de todo o processo de eugeniação da sociedade” (LOPES, 1920, p 22), enquanto Coelho Netto publicava em 1920 na revista *Athlética* uma seção intitulada Eugenia. No artigo sob o subtítulo de “*mens sana em copore sano*” discorria sobre os perigos da inatividade física para a juventude, sob o perigo de não serem capazes de cumprir dever cívico e patriótico.

A construção da narrativa identitária impressa pelas elites passava pela noção do branqueamento racial, tornando invisível o negro nessa sociedade, mas também incorporando aos hábitos cotidianos e elementos culturais da Europa. A formação da identidade nacional buscava negar o passado colonial ligado a escravidão e jamais reconhecer a contribuição dos negros na formação da cultura brasileira. Nessa linha, percebemos na escrita de Lima

Barreto o conhecimento a respeito das teorias raciais que ganhavam corpo em todo o mundo e a denúncia do caráter discriminatório das mesmas, que se apropriaram das verdades pseudocientíficas para cristalizarem seus estatutos inquestionáveis.

Segundo a observação de Sevcenko (2003), esse era um dado que Lima Barreto, mulato, vivendo em um meio de mulatos e negros e identificados com esse lado da herança cultural brasileira, não poderia admitir. Nesse sentido, algumas de suas crônicas nos jornais buscavam justamente ridicularizar o modelo físico da eugeniação da raça proposto pelas elites.

[...]Entretanto, se nos colocamos no alto da arquibancada de um *field* de football, a contemplação dos músculos desarmônicos dos players, as suas longas pernas super enriquecidas de força, o *mollet* muito proeminente, a contrastar com o seu andar bambo, e também as suas cabeças de chuchu, é quanto vemos e percebemos a utilidade da educação física. Ela não está no emprego do seu platonismo, no seu desinteresse, em não se aplicar ou em dar sem proveito algum dia e noite pontapés em um pelotão. (BARRETO, 1921, p16).

Percebe-se claramente o tom irônico de Lima Barreto frente as características físicas dos jovens da elite praticantes do futebol, visto como referência a uma nova “esperança” de regeneração da raça. Na sua visão o esporte tornava os corpos desarmônicos. A contrapelo Lima Barreto descreve os trabalhadores braçais do porto como possuidores de belos corpos simétricos e ironiza a utilidade social do esporte.

O serviço de estiva corre celeremente. Os estivadores, com passos apressados, correm sobre as pranchas, carregando pesados fardos. São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede-lhes a musculatura de todas as partes dos seus corpos, como que foram calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada — podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade (BARRETO, 1921, p. 16).

A analogia estabelecida pelo cronista evidenciava as distinções sobre os discursos promovidos por boa parte dos intelectuais das letras de acordo com sua origem social e sua raça. Por um lado, “os corpos calculados com

paciente precisão”, oriundos das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores das mais variadas raças e etnias, que eram ignorados e bestializados pelas elites. Do outro, “os músculos desarmônicos” dos jogadores de futebol e esportistas, em sua maioria filhos das famílias mais abastadas da cidade.

De fato, Lima Barreto lutava pelo reconhecimento do “genuíno brasileiro”, o qual, notadamente era ignorado no futebol da elite dos primeiros anos do Séc. XX. Neste sentido, as elites políticas e intelectuais estavam presas a tríade ciência, raça e civilização como sistema de crença necessária à construção da identidade nacional. Dentro desse sistema que orientava as práticas sociais, a arte e o pensamento das elites, fica evidente que Lima Barreto era dissonante e não subscrevia o pensamento racial de sua época. Em toda sua obra ele procura desconstruir esses conceitos e apresenta uma proposta de identidade e inclusão do negro na sociedade brasileira conforme mostra Sevcenko (2003, p. 210).

Lima concebia a sociedade brasileira como o fruto da combinação de diferentes etnias e que, em virtude mesmo dessa mestiçagem, havia atingido um grau elevado de intimidade e adaptação à natureza tropical e virente do país. Abominava por isso a preocupação obsessiva das elites locais em transmitir a imagem de uma nação branca e ‘civilizada’ para os representantes, visitantes e mesmo para o público europeu, assim como a perspectiva pela qual este encarava o país, através da lente do exótico e do pitoresco, perspectiva essa que, como se não bastasse, era incorporada pela sociedade seleta da capital da República. (SEVCENKO, 2003, p. 210)

O pensamento de Lima Barreto é de defesa da miscigenação, contrariamente à visão da “ciência racial”, que atribuía os males e o atraso do Brasil ao fato de ser um país miscigenado. Lima Barreto é simpático à ideia de sermos um povo formado por várias matrizes. “*Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamios, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus ‘galegos’ também*” (BARRETO, 1997, p. 34). Barreto, ao contrário da elite que propunha como movimento civilizatório, tentava imaginar um país igualitário, enaltecendo o valor híbrido do brasileiro, naquilo que começava a se formular como um ideário nacional, mesmo que de forma difusa em suas obras.⁴ O futebol não seria um bom instrumento para o projeto de nação idealizado por Lima Barreto que se pode depreender de sua ácida na literatura.

3.2 Manutenção da segregação social e do racismo.

O *football* das duas primeiras décadas do século XX era um esporte principalmente das elites, praticados dentro dos *clubs* restritos, situados basicamente na Zona Sul da capital federal. Apesar da proliferação desse esporte pelo subúrbio com o aumento da sua prática e a fundação de agremiações nesses locais (SANTOS JUNIOR, 2019), o monopólio sobre as definições da prática legítima do esporte se concentrava nas mãos das elites. O futebol era uma das marcas da assimilação dos valores e práticas da *Belle Époque* naquela sociedade de elite que aspirava viver de acordo com os marcos das grandes civilizações europeias aqui nos trópicos.

Pensado dessa forma, e inicialmente monopolizado pelas elites brancas, o futebol se constituiu como um espaço que segregava pobres, mestiços e pretos. Era o espaço de desenvolvimento do estilo de vida das elites e era o espaço da nação que imaginavam. Se existissem negros e/ou mestiços em alguns desses clubes no início da implantação do futebol (no Rio ou em São Paulo) esses eram exceções e se tornavam embranquecidos por terem as marcas de classe, cultura e civilização das elites, operava-se no ambíguo e dissimulado racismo brasileiro o mecanismo do embranquecimento (NOGUEIRA, 1998).⁵ Se o *football* era a imagem da nova nação, regenerada e fruto da modernidade, fatalmente o negro não poderia ser incluído. Ao contrário, o negro deveria ser escondido dos estrangeiros e das próprias elites que se envergonhava da própria impureza racial da nação (SKIDMORE, 1994). Rati-ficando esse projeto, muitas vezes a imprensa da época e seus cronistas utilizaram os jornais como forma de atacar a prática do futebol pelas camadas populares e pelos negros como mostram as falas de Coelho Neto e do pseudônimo “João Brigão”.

[...] vozeria de marmanjões, em matula sórdida, e livre de linguagem, que improvisam nas ruas partidas de *football*, os pontapés ao que encontram nas sarjetas: trapos, cascaria, às vezes estravo, com o que tomam pagode quando sucede algum transeunte ser atingido por tais escórias (NETO, 1923, p. 210).

Se o projeto-monstro do Joffrissimo Silvare desse dar com o Andarahy em casco de rolhas, este clube democrata e colorido caberia por herança ao simpático e alineático Nico Miranda. Aquilo tinha que cair na mão do Nico, quer quisessem, quer não, ou não fosse ele “membro honorá-

rio" da *dirigente*. Só haveria um inconveniente, que seria a discussão de um projetinho...mandando dar uns tantos por cento para representação do team, etc. Mas o que é um carneiro para quem tem um rebanho? Nada...Lóóóógo... (BRIGÃO, 1916, p. 09)

O aumento do número de negros, operários e pessoas das camadas populares que se verificou ao longo da década de 1910 e 1920, incomodava aqueles que viam na modalidade um traço civilizatório e eugênico (PEREIRA, 2000). Utilizando anedotas ou estereótipos, as críticas possuíam um contorno sócio racial, que reproduziam a estratificação sócio-espacial da cidade e o racismo daquele momento (SANTOS JUNIOR; MELO, 2013). As crônicas evidenciavam uma forma de enxergar o mundo, impregnado por estigmas, que serviam a uma proposta de construção através do futebol da imagem de um Brasil branco, civilizado e com traços europeus.

A crítica de Lima Barreto ao futebol, segundo Freitas (2005) recaía nos significados políticos utilizados sobre o futebol por parte das elites política e intelectual, principalmente no que tangia a reforço da prática do racismo e do preconceito social. Como exemplo podemos citar:

Está aí, uma grande desvantagem social do nosso *football*. Nos nossos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do pontapé propaga sua separação e o governo a subvenciona (BARRETO, 1993, p. 306).

O futebol garantiria uma separação entre os próprios indivíduos da nação, pois os grandes clubes representavam um corte de classe, raça e civilização que operava distinção e segregação. Nesse sentido, Lima Barreto sendo identificado como um "homem de cor" combatia as diferenciações de raça com mais ímpeto ainda. Isso fica explícito quando em 1921 os jornais anunciaram a proibição dos jogadores negros de fazerem parte do selecionado brasileiro que iria para Argentina. Sobre o fato Lima Barreto escreveu:

O *football* é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa

internacional. [...] O Sacro Colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro — homens de cor, enfim. [...] O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. [...] Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. [...] A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; P. S. — A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. (BARRETO; 1921, pp. 94-96)

Lima Barreto marca no texto que tal atitude, “perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil” (BARRETO, 1921, p. 96). Ademais ele também afirmava que: “É o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O *football* não é assim: não surra, mas humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam” (BARRETO, 1921, p. 238).

Do artigo depreende-se que Lima Barreto enxerga o futebol como reproduzidor do racismo, sob a tutela do governo, que comprovaria um esforço por parte do Estado em alimentar uma narrativa de identidade nacional excludente. Como bem definido, “Vendo nos sócios dos grandes clubes os herdeiros dos antigos senhores de escravos, Lima enxerga no futebol uma das formas de continuação da dominação exercida, durante décadas, pelo regime escravista” (PEREIRA, 2000, p. 216). O futebol aparece nos trechos como poderoso e eficaz instrumento de domínio usado por uma “raça” que assim como na escravidão procura separar os brasileiros.

3.3 A adoção de uma modernidade excludente.

O esporte, tendo o futebol como uma de suas modalidades, era considerado pelas elites como um símbolo de modernidade. Como evidencia Bosi (1992), Lima Barreto não gostava de diversas formas de modernização que passaram a ser impostas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

Não simpatizava, por exemplo, com o cinema, o feminismo, a urbanização e também como os esportes.

Ele remetia ao esporte, mas principalmente ao futebol, um modismo europeu que, além de desviar a mocidade dos valores intelectuais, servia também como construção de uma narrativa identitária racista e de classe. Para Lima Barreto, o futebol reproduzia as práticas de segregação e era um dos instrumentos do projeto de modernidade excludente adotado pelas elites na virada do século, tal projeto ficava evidente na reordenação espacial da cidade através da reforma de Pereira Passos, por exemplo.

Ele era um homem que convivia com as elites, mas vinha de uma família humilde, morando sua vida toda no subúrbio do Rio de Janeiro. Assim, enxergava as consequências ruins da modernização na população menos privilegiada das grandes cidades. Ao perceber a superposição de novas e velhas contradições no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, passou a contrapor a expressão “*Belle Époque Tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor de modernidade importada, com a utilização dos termos “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”, numa clara crítica ao modelo considerado importado de forma acrítica e subordinada e sem aproximação com a herança do passado e a cultura nacional (FREITAS, 2005). Diante disso, ao criticar o futebol, estava na verdade, apontado suas armas para questões maiores relacionadas a essa modernidade que servia, na avaliação do autor, para criar um mal-estar sobre as classes populares e a perpetuação dos privilégios das elites (BARRETO, 2001).

Lima Barreto não enxergava no futebol uma prática civilizada e no esteio da sua crítica a modernidade importada, dizia que essa prática esportiva contribuía para o acontecimento de cenas de violência explícita entre jogadores dentro dos fields, mas também entre torcedores nas arquibancadas. A disseminada fidalguia e a civilização que as elites propagavam era vista por ele como uma estratégia de discurso para adoção de uma prática estrangeira, europeia e branca.

Para reafirmar esse projeto de construção da identidade nacional a partir do ideário da modernidade excludente, Lima Barreto denunciava o tratamento diferenciado com que as autoridades concediam a certas atividades ligadas aos costumes. Enquanto o “esporte bretão”, mesmo com a violência dos “*footballers*” era tolerado, o divertimento popular como as brigas de galo e as touradas eram severamente reprimidas. Para Barreto, o que estava em jogo não era o combate a desordem e a violência dessas práticas populares, mas sim a proibição de costumes vistos como símbolo de

atraso para a sociedade e relacionados a um passado que queriam apagar do “novo” Brasil.

Na perspectiva do combate ao projeto de modernidade instalado na República, o discurso de Lima Barreto buscou tornar perceptível que “o poder se afirmava e se exercia sob a forma mais sutil, a da violência simbólica” (BOURDIEU; 2011). Isso significa que Lima Barreto propõe a ressignificação do olhar lançado sobre o futebol, deixando transparecer sua crítica às tentativas de padronização cultural e controle social das elites sobre os demais estratos sociais, bem como estratégias voltadas para a elaboração de alternativas ao processo modernizador excludente que impregnava a cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX.

Considerações finais

Muitas foram às críticas feitas por Lima Barreto à prática do Futebol, contudo elas só podem ser entendidas se buscarmos uma análise macrosocial do contexto político, econômico e social da época na qual viveu o escritor. A virada do século XIX para o século XX foi um período marcado pelo intenso preconceito racial e social com as classes populares, e nesse cenário o futebol se traduziu em uma das armas das elites para legitimar a modernidade fundada em discursos eugenistas e marcada pela exclusão social.

A crítica de Barreto ao futebol e a outras práticas europeizadas revela a existência da disputa de projetos de nação, um branco que tornava pobres e negros invisíveis e outro que incluía e dava visibilidade aos excluídos. Na sua literatura é possível ver pistas do projeto de nação que assumia a heterogeneidade e resgate da cultura popular, relacionada ao passado brasileiro como valor.

Percebe-se que Lima Barreto fez de seus textos um instrumento capaz de expor questões sobre a vida social, cultural e política do país. O futebol para Barreto era, como diz Da Matta (1982), mais um drama social no qual poderia perceber a sociedade em sua totalidade, com seus valores e dilemas. E, por essa razão, por meio de representações literárias, salientava os paradoxos construídos por aquele futebol de seu tempo, em especial a manutenção das hierarquias sociais, racismo e violência, tanto dentro do campo pelas elites quanto em relação aos segregados da sociedade e do esporte.

Notas

1 O principal texto produzido por Pierre Bourdieu no sentido de conceder relevância ao esporte encontra-se em “Como é possível ser esportivo?” produzido em 1983 dentro do livro *Coisas ditas*.

2 Segundo Giovanni Levi (2017) numa escala de observação reduzida, a análise desenvolve-se a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e tendo preocupação com uma narrativa histórica que se diferencia da narrativa literária porque se relaciona com as fontes.

3 Movimento eugenista é o movimento pseudocientífico e social baseado nas teorias de eugenia, cujo objetivo eram “melhorar” a raça humana. Reivindicavam melhorar as características genéticas de populações humanas através de mistura seletiva de pessoas, esterilização obrigatória de débeis e branqueamento da população.

4 Ideário que ganha corpo, guardadas as devidas diferenças, na obra de Gilberto Freyre quando afirma que aqui se fundou uma nova civilização tropical, assim inverte o sinal na consciência nacional e miscigenação torna motivo de orgulho e expressão da original cultura nacional (SKIDMORE, 1994; SOUZA, 2001) Cultura feita a partir do encontro violento, apesar de toda a história de violência e do sadomasoquismo.

5 Ver o repúdio de Joaquim Nabuco quando José Veríssimo, após a morte de Machado de Assis, em tom de elogio diz que Machado era um mulato que foi de fato um grego da melhor época. Nabuco o repreende e diz que só teria visto o grego em Machado, mesmo se por acaso houvesse algum sangue estranho (MASSA 1971, p. 46).

Referências bibliográficas

- AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.
- BOSI, A. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BURKE, P. “Culturas populares e cultura de elite”. In: **Revista Diálogos**. Universidade Estadual de Maringá, 1996.
- CAPRARO, A. M. “Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX”. In: **Motriz: rev. educ. fis.** (Online), Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 1061, dez. 2010.
- CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMATTA, R, et al. **O universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ELIAS, N., DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- FERNANDEZ, R. L. **O jogo da distinção**: C. A Paulistano e Fluminense F. C: um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1993). (2016. 482f) Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) Fundação Getúlio Vargas-FGV, Rio de Janeiro, 2016.
- FERREIRA, L. C. **Um personagem chamado Lima Barreto**. (2007. 110f) Dissertação de Mestrado em Ciência da Literatura (Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.
- FRANZINI, F. “A futura paixão nacional: Chega o futebol”. In: PRIORE, M. DEL; MELO,

- V. A. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora da UNESP, 2009, pp. 107-132.
- FREITAS, C. S. G. "Lima Barreto, um intelectual-negro na "Avenida Central"". In: **Revista Intellêctus**, v. 4, n. 1, 2005.
- GUEDES, S. L. **O Futebol brasileiro: instituição zero.** Dissertação (Mestrado em antropologia social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- JESUS, G. M. de. "Futebol e modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma inovação". In: **Lecturas: Educación Física y Deportes.** Año 3, n. 10. Buenos Aires. Mayo 1998.
- KOTHE, F. R. **O Cânone Republicano II.** Brasília: editora Universidade de Brasília, 2004.
- LOBO, E. **História do Rio de Janeiro: Do Capital Comercial ao Capital industrial e Financeiro.** Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.
- MACHADO, M. C. T. **Lima Barreto: Um Pensador Social na Primeira República.** São Paulo: Edusp, 2002.
- MELO, V. A. **Futebol por todo mundo: diálogos com o cinema.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. "Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil". In: PRIORE, M. DEL; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora da UNESP, 2009^a, pp. 35-70.
- _____. "Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX". In: PRIORE, M. DEL; MELO, V. A. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora da UNESP, 2009b, pp. 71-106.
- _____. "Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX". In: HOLANDA, B. B. ; MELLO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.** 1ed. Rio de Janeiro: 7 letras, v. 1, 2012, p 52-79.
- MALIK, K. **The meaning of race.** Londres: McMillan, 1996.
- MASSA, J. M. **A juventude de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- NEEDELL, J. **Belle époque tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- "O Pequeno, o grande e o pequeno: Entrevista com Giovanni Levi". [Entrevista concedida a Guido Crainz]. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 37, n. 74, 2017.
- PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. "Identities em jogos. Brasileiros e argentinos nos campos de futebol (1908-1922)". In: CAMPOS, F; ALFONSI, D. (Orgs.). **Futebol objeto das ciências humanas.** São Paulo: Leya, v. 1, 2014, pp. 71-113.
- RESENDE, B. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- SANTOS JUNIOR, N. J. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923),** 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- _____. "Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do Rio de Janeiro (década de 1910)". In: **Revista Pensar à Prática,** Goiânia, v. 16, n. 4, pp. 1239-1255, out.-dez. 2013.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto: triste visionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SKIDMORE, T. **Brasil visto de fora.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República 2ª edição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOARES, A. J. G. **Futebol, raça e**

nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial. (1998, 336f). Tese de Doutorado – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, J. “A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?”. In: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 45, pp. 47-67, fev. 2001.

TOLEDO, L. H. “A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX”. In: HOLANDA, B. B. ; MELLO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: 7 letras, v. 1, 2012, pp. 52-7.

Fontes primárias

BARRETO, L. **Careta**, dezembro de 1921.

_____. “Bendito Football”. 1-10-1921. In: **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 94-96.

_____. “As Reformas e os ‘Doutores’”. Jan/1921. In: **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 237-239.

_____. “A liga contra o football”. In: BARRETO, L. **Um longo sonho do futuro:** diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. RJ: Graphia Editorial, 1993.

_____. **Diário Íntimo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. **Os Bruzundangas**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Bagatelas**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BRIGÃO, J. **O Imparcial**, 26 de fevereiro de 1916.

LOPES, O. “A Semana”. In: **O Paiz**, 28 mar. 1920.

NETTO, P. C. **O Fluminense pitoresco e dramático**, Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1969.

_____. “Tonitruosaurbs, 2 de julho de 1922”. In: **Frechas**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923, p. 210.

PEIXOTO, A. “A educação Nacional”, In: **Poeira de estrada**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1918, pp. 285-288.

Recebido em: 21/05/2020

Aprovado em: 09/07/2020